

O SKATE COMPARTILHADO: UM OLHAR A PARTIR DOS “ARQUIVOS PESSOAIS”

Jimmy Iran dos Santos Melo¹

Gerson Luís Trombetta²

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas

(Le Goff, 1990, p. 424).

INTRODUÇÃO

A partir da premissa exposta na epígrafe, exploraremos, no presente artigo, como as memórias individuais dos praticantes de *skate* contribuem para a construção de uma história coletiva e compartilhada, evidenciando as relações intrínsecas entre memória e história. Ao focar nos relatos pessoais, buscamos compreender como essas narrativas moldam a cultura do *skate* e influenciam a percepção e a vivência dos espaços urbanos. O estudo aborda as dinâmicas sociais e culturais associadas ao *skate*, ressaltando a importância dos arquivos pessoais na construção da memória e da história dessa prática.

O *skate* tem ganhado destaque nas últimas décadas, tanto como prática esportiva quanto como forma de mobilidade urbana. Isso pôde ser evidenciado na exposição sobre a história do *skate* que esteve em cartaz no Farol Santander São Paulo, entre os anos de 2023 e 2024, na qual foram exibidos mais de cem objetos da década de 1950 até os dias atuais, incluindo *skates*, fotos, vídeos, revistas, maquetes, fitas em *Video Home System* (VHS) e *Digital Versatile Disc* (DVD).

As fotografias e objetos que fizeram parte da cultura *skate* foram expostas em uma linha do tempo apresentando a evolução do *skate* com imagens de fotógrafos especializados, como Klaus Mitteldorf, Roberto Price, Fernando Moraes e Júlio Defefon. Para Koselleck (2006), o

¹ Doutorando em História Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UPF), mestre em Sociedade e Fronteiras pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) e especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Atualmente, é professor de História do Colégio de Aplicação pela Universidade Federal de Roraima (UFRR/Cap).

² Pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (2015), doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), graduado em Filosofia, licenciatura plena pela Universidade de Passo Fundo (1993). Atualmente, é professor titular e pesquisador da Universidade de Passo Fundo no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Letras.

tempo histórico não é um fluxo linear e homogêneo de eventos, mas uma categoria complexa e polissêmica que envolve múltiplas camadas e dimensões.

Foi no sentido de analisar a cultura material do *skate* que a pesquisa utilizou os “Arquivos Pessoais” (registros fotográficos) do professor Gerson Luís Trombetta que, estando de passeio no mês de fevereiro de 2024, na cidade de São Paulo, resolveu produzir fotografias da Exposição, enviando-as ao orientando Jimmy Iran dos Santos Melo, via aplicativo de mensagens WhatsApp.³

No que tange ao universo dos arquivos, o historiador Christophe Prochasson (1998) reconhece que o interesse por arquivos de indivíduos emergiu, sobretudo, por conta das transformações nas práticas historiográficas, com base na análise dos sujeitos históricos pelo viés da história cultural e da antropologia histórica. Nesse sentido, contribuições teóricas desses dois campos nos ajudaram na construção deste texto, em particular, Certeau (2011), Chartier (1988), Pesavento (2005) e Laraia (2006).

Esses estudos apresentaram caminhos alternativos para a investigação histórica e cultural das realidades e experiências humanas e contribuíram para a formulação de problemáticas e pressupostos sócio-históricos da pesquisa, a partir de uma observação em nova escala dos sujeitos da pesquisa.

Os pesquisadores reconheceram que o sujeito histórico é um ser complexo e, portanto, para compreendê-lo, faz-se necessária uma investigação que abarque a multiplicidade de documentos que produz, pois tudo que é originado pelo homem “[...] serve de base para a construção do conhecimento histórico” (Silva; Silva, 2005, p. 158).

DA EXPERIÊNCIA DOS “ARQUIVOS PESSOAIS” À MEMÓRIA COLETIVA

Maurice Halbwachs (2006) argumenta que a memória não é um ato puramente individual, mas, sim, profundamente social. Segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva é formada e sustentada por grupos sociais, como famílias, comunidades ou subculturas, que compartilham experiências, práticas e valores comuns. Esse conceito é particularmente útil

³ Esta pesquisa não se concentra no papel do professor na produção de fotografias, mas, sim, em seu “Arquivo Pessoal” de imagens da Exposição. O objetivo é examinar a importância do skate como bem cultural, suas apropriações sociais e culturais e a construção de práticas e representações do universo do skate. Por meio da análise desses “Arquivos Pessoais”, buscamos compreender como o skate é utilizado, interpretado e valorizado, destacando sua influência na formação de identidades e comunidades. Portanto, enfatizamos que o texto agora apresentado visou analisar o objeto skate, mediante do “Arquivo Pessoal” construído pelo professor Gerson Luís Trombetta, na sua visita à Exposição do Santander, em 2024.

para analisar a cultura do skate, pois ajuda a fortalecer os laços entre comunidade e identidade, além rememorar as narrativas compartilhadas por esses sujeitos, evidenciando suas práticas e representações.

Com as novas formas de conexões entre pessoas, principalmente, a partir das relações estabelecidas por meios digitais, temos as produções de imagens como meio de comunicação e memória. Com isso, estabelecemos conexões, mostramos lugares e compartilhamos experiências vivenciadas. A esse respeito, Nora (1984), define “lugares de memória” como locais onde a memória coletiva é cristalizada e preservada. Esses lugares podem ser físicos, como monumentos e locais históricos, mas também podem ser simbólicos, como eventos, tradições ou mesmo objetos, como no caso do *skate*.⁴

O *skate*, como elemento cultural, carrega uma profunda relação com a memória histórica, refletida na literatura especializada. Segundo Brandão (2011), a prática do *skate* é uma forma de expressão urbana que ressignifica espaços públicos e os transforma em locais de interação e resistência cultural. De maneira semelhante, Freitas (2016) argumenta que o *skate* não apenas desafia as normas urbanas, mas também preserva a história das subculturas urbanas, fazendo com que suas práticas e valores sejam transmitidos de geração em geração.

Outro aspecto relevante do *skate* na memória histórica é a sua capacidade de integrar e refletir as transformações sociais. Conforme Lima (2020), a evolução do *skate* está intimamente ligada às mudanças nas políticas urbanas e na cultura juvenil. Da mesma forma, Machado (2012) destaca que o *skate*, ao adaptar-se às diversas configurações sociais e econômicas, atua como um registro vivo das dinâmicas sociais e das resistências juvenis ao longo do tempo.

A memória histórica do *skate* é também evidenciada em seu impacto global e nas narrativas locais que emergem de diferentes contextos. Com isso, o *skate* transcende fronteiras e cria uma rede global de práticas culturais compartilhadas. Ao ser apropriado por diferentes culturas, contribui para a formação de identidades coletivas e locais, preservando assim uma memória histórica rica e diversificada.

⁴ A análise dessa prática esportiva vem sendo desenvolvida por Jimmy Iran dos Santos Melo desde o mestrado. No doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em História na Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF), sob orientação do Prof. Dr. Gerson Luís Trombetta, a pesquisa passa a discutir a temática da identidade skatista na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

De volta à baila da Exposição, ao produzir registros sobre *skate*, o professor Gerson percebeu imediatamente uma conexão com a pesquisa de doutorado e, como dito, resolveu compartilhar a experiência por meio de mensagens instantâneas. Naquele instante, embora estivesse produzindo um “Arquivo Pessoal” do seu passeio à Exposição, criou uma estratégia para que o orientando também pudesse participar daquele momento, encaminhou uma sequência de imagens e vídeos sobre a trajetória do *skateboard*, a fim de preservar a sequência e a disposição proposta pela Exposição.

Contudo, antes de prosseguir discutindo sobre o significado do gesto de compartilhamento das experiências via aplicativos de mensagens, é preciso compreender melhor a dinâmica da construção de arquivos pessoais.

O debate sobre o conceito de “Arquivos Pessoais” não é novo na área de História. Para tanto, Casanova (1928), ao abordar o tema em seu clássico manual *Archivistica*, conceitua o arquivo como “[...] a acumulação ordenada de documentos criados por uma instituição ou pessoa no curso de sua atividade e preservados para a consecução de seus objetivos políticos, legais e culturais, pela referida instituição ou pessoa” (Casanova *apud* Shellenberg, 2006, p. 37, grifo nosso). Ao mencionar o interesse pessoal da produção arquivista, define a utilidade dos arquivos pelos fins culturais.

Em meados no ano de 1956, houve um aprofundamento do debate sobre essa temática dos arquivos, em particular, no livro *Arquivos Modernos: princípios e técnicas* (Schellenberg, 2006), no qual o autor sugere que:

[...] todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em virtude o valor informativo dos dados neles contidos (Schellenberg, 2006, p. 41).

A afirmação de Schellenberg (2006) não atribui uma produção individual como “Arquivo Pessoal”, porém define as atividades privadas em produção de arquivos. Conceito esse que será abordado por Fraiz (1998, p. 61) ao afirmar que: “[...] a incorporação do conceito de arquivo privado pela arquivística dar-se-á somente no século XX”.

O conceito de “Arquivos Pessoais” teve seu ápice de exploração a partir dos anos de 1970, em que o cuidado com produções era realizado apenas por museólogos, bibliotecários em manuscritos e/ou coleções. Para Oliveira (2012, p. 3) “[...] tradicionalmente, os arquivos pessoais foram custodiados em bibliotecas e museus, sendo muitas vezes referidos como coleções, manuscritos ou mesmo papéis pessoais”, principalmente por famílias tradicionais, como nos Estados Unidos da América-EUA.

Oliveira (2012, p. 31) afirma que: “[...] os arquivos pessoais e familiares passaram a se destacar quando entendidos como patrimônio a ser preservado pela sociedade, ou seja, quando foi reconhecido o seu valor para o estudo histórico e como registro da memória da nação”. Os arquivos pessoais contribuem para a formação da memória de uma coletividade, constituindo sua identidade.

Consta nas produções da revista *Acervo*, disponível e publicada pelo Arquivo Nacional, datada do ano de 1986, até o tempo presente, a relação do tema “Arquivos Pessoais”, que pode ser identificada inicialmente com a associação às pesquisas históricas, a exemplo do artigo “A fotografia como fonte histórica: a experiência do CPDOC” (Lobo; Brandão; Lisovsky, 1987). Contudo, o artigo apresentou apenas formas de organização e tratamento das fotografias, sendo seu foco central a publicação, além de estimular e incentivar o uso do gênero documental como fonte histórica em pesquisas (Berg, 2019). Consideramos os “Arquivos Pessoais” como arquivos que são criados tanto por produções em registros burocráticos quanto naqueles produzidos por emoções (Gomes, 2009; Camargo, 2009).

O “Arquivo Pessoal”, como o objeto deste estudo, permite ao seu “produtor/proprietário” compartilhar experiências. É importante destacar que tais experiências não são neutras. Incorporam sempre a perspectiva individual, com seus aspectos emocionais e contingenciais.

CONHECENDO A “ANATOMIA DO SKATE” NA EXPOSIÇÃO SANTANDER EM 2024: MEMÓRIAS DE UMA TRAJETÓRIA CULTURAL⁵

Em 20 de dezembro de 2023, o Farol Santander São Paulo inaugurou a exposição “Anatomia do Skate”, um passeio histórico sobre a cultura que chegou ao Brasil há mais de 50 anos. A curadoria foi de Cesar Gyrão, criador da revista *Tribo Skate*, em 1991, a qual produzia

⁵ O tópico foi extraído do texto Exposição [...] (2023).

imagens do *skate* em visualidades dadas apenas por meio das revistas na década de 1990 e, quando o alcance da internet, não havia atingido as marcas recentes.

A mostra esteve em exibição no 20º andar do Farol Santander e ocorreu até 24 de março de 2024. A exposição foi apresentada pelo Ministério da Cultura e Santander Brasil, via Lei Federal de incentivo à Cultura. Na exposição, foram exibidas mais de uma centena de itens relacionados a essa manifestação cultural, que se tornou muito mais que um entretenimento e estilo de vida, atingindo até o status de esporte olímpico.

Os relatos sobre as práticas com *skate* remetem ao ano de 1918, quando a história narra que um menino de origem estadunidense desmonta os patins da sua irmã e resolve acoplar as rodas numa prancha de madeira, começando a surfar na engenhoca. O *skate*, assim, desde o princípio, foi marcado pela criatividade e superação. A exposição procura misturar tudo que o *skate* é: lazer, subversão, terapia, música, produtos, expressão artística, comportamento, esporte, moda, comunicação, preparação física, arquitetura, competição, com várias faces, o skate apresenta-se, tendo a origem por volta de 1920, nos Estados Unidos da América (EUA).

O passeio propicia com base na exposição um começo pelo núcleo “pré-história”, no qual o visitante pode encontrar um Roller Derby original, o primeiro *skate* produzido em escala comercial no mundo, em 1959. Em seguida, são apresentados *skates* históricos de renomados colecionadores brasileiros, acompanhados por peças raras que destacam a diversificação em outras modalidades, incluindo um *classic* com impressionantes 1,75 metros de altura. Outro destaque da ala é a capa da revista *Life*, de 1965, com a skatista Patti McGee de cabeça para baixo sobre um *skate*.

Em outro ponto, seguiam as três primeiras décadas da implantação do *skate* no Brasil, no núcleo “O Skate se Organiza”. A evolução do estilo de vida do esporte seguia em uma linha do tempo ilustrada com imagens, feitas por reconhecidos fotógrafos especializados, como Klaus Mitteldorf, Roberto Price, Jair Borelli, Fernando Moraes, Ivan Shupikov e Julio Detefon. No total, nesse setor, tinham 32 fotos, de um total de 75 em toda a exposição, que ressaltavam alguns dos skatistas mais significativos do cenário nacional, como Digo Menezes, Lúcio Flávio, Sandro Dias, Karen Jonz, Letícia Bufoni e Pedro Barros.

Na forma de ilustração, a conexão entre a cultura *skate* e a música foi exibida a guitarra Gibson, modelo Les Paul, que pertenceu a Alexandre Magno Abrão, o Chorão, skatista e líder do grupo Charlie Brown Jr., grupo que ficou conhecido como uma das principais bandas do

rock nacional da década de 1990. O Charlie Brown Jr., principalmente na figura de seu vocalista, exaltava o *skate* como estilo de vida.

No terceiro núcleo, foi apresentado o “Objeto do Desejo”, uma cortina com 28 *skates* das 48 peças raras escolhidas para a exposição. Os *skates* são das primeiras gerações, com as primeiras marcas nacionais, como um Torlay, de 1974.

A arquitetura foi outro destaque da mostra, representada por maquetes de *skateparks* como o da icônica pista “Wave Park”, de 1977, e o novo Vale do Anhangabaú, espaço público apropriado pelo skate com anuência da Prefeitura de São Paulo. A réplica de um “*scooter*” também ocupa um dos espaços centrais.

E por falar em paixão e identidade, a próxima parada foi o “Quarto e Mundo”. Uma visita à evolução comportamental e tecnológica representada em quatro décadas. Da máquina de escrever, telefones de discagem ao *notebook* e celular do início do novo século. A transformação do mundo analógico no digital em quartos de *skatistas* de cada geração.

As mídias e a comunicação também foram partes fundamentais na consolidação da cultura urbana do skate. Por conta disso, a mostra apresentava um núcleo composto por uma banca de revistas exibindo títulos raros e uma videolocadora foi recriada, contendo diversos exemplares em VHS e DVDs sobre o tema. No mesmo ambiente, uma tela apresentava vídeos de canais dedicados ao *skate*.

Outro ponto alto do evento foram as peças audiovisuais feitas por Anderson Tuca, com arquivos de imagens e programas especializados. A área ainda tinha outra experiência imperdível, a sala das “superfícies”. Tuca convidou os *skatistas* a mostrar diferentes terrenos nos quais se poderia andar de skate. O visitante era, então, chamado a “dar um role” virtualmente na sala de projeções, um espaço instagramável⁶.

A evolução do *skate* ao longo desse período foi evidenciada pela luta de seus praticantes, o que permitiu passar de prática marginal ao profissionalismo, culminando com o registro de alguns representantes da seleção brasileira e dos medalhistas olímpicos Kelvin Hoefler, Rayssa Leal e Pedro Barros, no núcleo “Rumo às Olimpíadas”.

O tópico *skate*, por décadas, apresentou o período de 1970. A marca Torlay, localizada em São Paulo, foi a pioneira na produção de *skates* no Brasil. Em 1973, os Estados Unidos marcaram uma nova fase no *skate* com a introdução das rodas de poliuretano. O primeiro

⁶ Neologismo ao usuário da rede social Instagram.

campeonato nacional aconteceu em 1974, no Clube Federal do Rio de Janeiro, seguido por um grande evento em 1975 na Quinta da Boa Vista, no Rio, iniciando o cenário competitivo.

A inauguração da primeira pista de *skate* no Brasil ocorreu em 1976 no Alphaville Tênis Clube, em Barueri, SP. No final daquele ano, surgiu o primeiro *skatepark* público em Nova Iguaçu, RJ, onde ocorreu o primeiro campeonato em pista do país. O Wave Park, aberto em São Paulo, foi crucial para a evolução do skate vertical, produzindo influentes skatistas como Luis Roberto “Formiga”, Jun Hashimoto e Kao Tai.

Já na década 1980, o *skate* no Brasil enfrentou uma desaceleração inicial, com o fechamento de *skateparks* e a retração de marcas. No entanto, a perseverança dos praticantes e a adaptação para modalidades como *Freestyle* e *Downhill Slide* mantiveram viva a cultura do skate.

O surgimento de pistas, o impulso do termo “*Skate Rock*” e a formação de uma indústria nacional fortaleceram a cena, culminando na popularidade do *Street Skate*. Apesar de obstáculos como a proibição em São Paulo, em 1988, a década testemunhou o crescimento do esporte e foi marcada por eventos, surgimento de entidades e influência de programas de TVs especializados.

Na década 1990, após um período de retração, o *skate* brasileiro experimentou uma retomada mais tranquila, marcando uma fase de consolidação do mercado. Com a criação da revista *Tribo Skate*, em 1991, e o engajamento de marcas, o cenário foi impulsionado por produtos assinados por *skatistas* profissionais, viagens, contratações e vídeos em VHS.

Eventos como o Circuito da União Brasileira de *Skate* (UBS), vitórias de skatistas brasileiros em competições internacionais, a criação da Confederação Brasileira de *Skate* (CBSK) e a entrada do Brasil no Circuito Mundial World Cup Skateboarding (WCS), reforçaram o papel transformador do *skate*, consolidando o esporte como uma força significativa na cultura brasileira. Ao mesmo tempo, o *skate* feminino avançou, destacando-se com o primeiro campeonato exclusivo do gênero pela revista *Check It Out Girls*.

Na década 2000, o *skate* brasileiro projetou-se internacionalmente com ídolos como Bob Burnquist e Sandro Dias. Marcas nacionais e eventos desempenharam papéis cruciais no crescimento do mercado, enquanto a chegada da Megarrampa, em 2008, representou um marco emocionante do skate vertical.

A influência cultural do *skate* expandiu-se para a televisão e trilhas sonoras, como no seriado *Malhação*. O período foi caracterizado também pelo desenvolvimento do *Longboard*

Skate, o surgimento do “*Go Skateboarding Day*”, comemorado em 21 de junho, e a persistência da comunidade *skate* diante das mudanças sociais e tecnológicas.

Na década 2010, o *skate* transformou-se em um espetáculo de destaque, com o surgimento da Street League Skateboarding (SLS), em 2010, nos EUA, oferecendo premiações substanciais e ampliando seu alcance para o público geral. Novos circuitos, como o *Vans Park Series*, emergiram, e Pedro Barros, destacando-se como *skatista* e cocriador do *Red Bull Skate Generation*, marcou a cena. A valorização do skate feminino e a equiparação de premiações impulsionaram a inclusão de brasileiros em todas as modalidades e terrenos competitivos.

Em 2016, o Comitê Olímpico Internacional (COI), incluiu o *skate* como esporte olímpico, chegando nas Olimpíadas de Tóquio em 2021, onde Kelvin Hoefler, Rayssa Leal e Pedro Barros conquistaram medalhas para o Brasil. O impacto olímpico foi evidente, levando à criação da *World Skate* para regulamentar as competições do ciclo olímpico. A internacionalização do *skate* levou à formação de seleções e à aceitação global do termo “skatista-atleta”.

OS “ARQUIVOS PESSOAIS”

Seguem alguns dos registros feitos pelo professor Gerson Trombetta e que constituem parte do arquivo pessoal compartilhado com o aluno Jimmy Iran dos Santos.

Imagem 1 – Selfie I evolução do skate (2024)



Imagem 2 – Selfie II evolução do Skate (2024)



Fonte: arquivo pessoal (Gerson Trombetta)

Imagem 3 – A música e a guitarra de “Chorão”, vocalista da Banda Charles Brown Jr. (2024)

Imagem 5 – O rock e as mudanças tecnológicas (2024)



Fonte: arquivo pessoal (Gerson Trombetta)

Imagem 6 – Design do Skateboarding (2024)



Fonte: arquivo pessoal (Gerson Trombetta)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, na discussão proposta, que os “Arquivos Pessoais” contribuem significativamente para os novos rumos da pesquisa na área da História, especialmente diante das novas fontes de pesquisa que podem ser associadas à *Escola dos Annales* e suas reorientações dos estudos historiográficos. Ao incorporar tipologias diversas, como a fotografia em “Arquivos Pessoais” como fonte de pesquisa documental, abre-se um leque de novos questionamentos e a análise de novos objetos e sujeitos de pesquisa.

O presente texto procurou demonstrar que o *skate* é uma prática culturalmente construída e que, ao longo do tempo, os skatistas se apropriaram de diversos elementos da cultura material e imaterial. Ao fazer isso, ressignificaram suas práticas, incorporando tanto práticas locais quanto representações globais. A exposição “Anatomia do Skate” no Farol Santander, em São Paulo, é um exemplo notável dessa dinâmica. A mostra não apenas atraiu visitantes curiosos e pesquisadores da materialidade do *skateboarding*, mas também ofereceu uma compreensão profunda da revolução ocorrida dentro da história do *skate*.

A formação de um “arquivo pessoal” com os registros da exposição permitiu que ela ganhasse novos territórios, interligando mentalidades e interesses diversos. O compartilhamento de imagens, acompanhado da narrativa da exposição, passou a compor parte da “materialidade” que fundamenta a trajetória do *skate*. Nesse sentido, o “arquivo pessoal” abordado aqui não apenas documenta eventos e práticas, mas também gera uma nova “fonte” de pesquisa, vital para a compreensão das transformações culturais e sociais do *skate*, e na contribuição do meu orientador à minha pesquisa.

Além disso, os “Arquivos Pessoais” desempenham um papel crucial na preservação e construção da memória coletiva dos *skatistas*. Como argumenta Pierre Nora, *os lugares de memória* são essenciais para a construção da identidade e da história coletiva. No contexto do *skate*, esses arquivos pessoais se tornam “lugares de memória” simbólicos, onde experiências individuais e coletivas se entrelaçam. Ao documentar momentos, locais, eventos e figuras icônicas do *skate*, esses arquivos ajudam a preservar a memória viva do esporte, permitindo que futuras gerações compreendam e apreciem sua evolução.

Na prática, esta pesquisa evidencia como os skatistas utilizam seus “Arquivos Pessoais” para documentar e compartilhar suas experiências, contribuindo para uma memória coletiva rica e diversa. Ao resgatar e analisar esses arquivos, não apenas entendemos melhor a cultura

do *skate*, mas também percebemos como essas memórias moldam e influenciam as práticas e representações atuais. Portanto, a memória, articulada por meio dos “Arquivos Pessoais”, emerge como um elemento central na construção da história do *skate*, evidenciando sua importância como um bem cultural que transcende gerações e fronteiras.

A prática do *skate*, ao ser registrada e compartilhada por meio de “Arquivos Pessoais”, transforma-se em um elemento de resistência e afirmação cultural. Os skatistas utilizam esses registros não apenas para documentar suas habilidades e conquistas, mas também para afirmar suas identidades em um mundo que muitas vezes marginaliza ou mal compreende a cultura do *skate*. Esses arquivos servem como testemunhos vivos das lutas e triunfos dos skatistas, contribuindo para a legitimação e valorização dessa prática cultural.

Além disso, a análise dos “Arquivos Pessoais” revela a importância do *skate* na criação de redes sociais e comunitárias. As imagens compartilhadas entre skatistas não apenas documentam eventos e manobras, mas também fortalecem laços de amizade e solidariedade dentro da comunidade do *skate*. Esses registros visuais e narrativos ajudam a construir uma memória coletiva que transcende fronteiras geográficas, conectando skatistas de diferentes partes do mundo em torno de uma paixão comum.

Finalmente, ao valorizar os “Arquivos Pessoais” como fontes legítimas de pesquisa histórica, o estudo contribui para a ampliação das metodologias historiográficas. Ele desafia as abordagens tradicionais que frequentemente negligenciam as culturas urbanas e subculturais, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e diversificada da história. Dessa forma, a pesquisa sobre a prática esportiva do *skate* com ênfase nos “Arquivos Pessoais” não apenas enriquece nosso entendimento sobre essa prática específica, mas também promove uma reflexão mais ampla sobre as múltiplas formas de memória e identidade cultural na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BERG, Thayane Vicente Vam de. Os arquivos pessoais como objeto de pesquisa em arquivologia. In: CAMPOS, José Francisco Guelfi; *Arquivos pessoais: experiências e perspectivas* [recurso eletrônico]. São Paulo: ARQ-SP, 2019. p. 12-31.

BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados/MS: UFGD, 2011.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 28-39, jul./dez. 2009.

CASANOVA, E. *Archivistica*. 2. ed. Siena: Strab. Arti Grafiche Lazzeri, 1928.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1988.

EXPOSIÇÃO sobre a história do skate está em cartaz no Farol Santander São Paulo. *Santander Imprensa*, [s. l.], 21 dez. 2023. Disponível em: <https://shortlurl.com/AdpL>. Acesso em: 22 jun. 2024.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-88, jul. 1998.

FREITAS, Heloisa *et al.* Skate Sociabilidade e Consumos no Lazer: A Percepção do Lícito e Ilícito. *LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 19, n. 1, p. 85-107, 2016.

GOMES, Ângela de Castro. Arquivos pessoais, desafios e encantos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 22-25, jul./dez. 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Matheus Guimarães. Território, identidade e sociabilidade: skate e hip-hop em três lagoas/ms. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 31, p. 260-289, 2020.

LOBO, Lúcia Lahmeyer; BRANDÃO, Ana Maria de Lima; LISSOVSKY, Maurício. A fotografia como fonte histórica: a experiência do CPDOC. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1987.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 171-188, 2012.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre (org.). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. p. XVIII-XLII.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. “Fonte Histórica”. In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 158-161.

SCELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.